
PRÁXISCOMUNAL

volume 2 | número 1 | Janeiro - Dezembro 2019

PARA UMA CRÍTICA DA RAZÃO ANTROPOLÓGICA [PARTE II]

FOR A CRITIQUE TO ANTHROPOLOGICAL REASON [PART II]

Lucas Parreira Álvares



PARA UMA CRÍTICA DA RAZÃO ANTROPOLÓGICA [PARTE II]

FOR A CRITIQUE TO ANTHROPOLOGICAL REASON [PART II]

Lucas Parreira Álvares

RESUMO: o objetivo desse artigo é estabelecer os fundamentos para uma crítica com viés marxista à razão antropológica. Para isso, ele buscará investigar a partir de quais determinações se fundamenta a razão de ser da antropologia, ou seja, a sua especificidade enquanto um campo de conhecimento autônomo. A partir da realização dessa tarefa, buscará contrapor os fundamentos desse campo de conhecimento com o seu próprio desenvolvimento histórico e, assim, apresentar as contradições inerentes a sua formação a partir de um diálogo necessário com a teoria marxista. Por fim, irá sugerir alguns elementos que entende-se como condizentes para uma crítica à razão antropológica.

PALAVRAS-CHAVE: Antropologia; Marxismo; Crítica.

ABSTRACT: the aim of this paper is to establish the foundations to a marxist biased critic of the anthropological reason. For this, we will proceed to investigate from which determinations anthropology fundamentals its reason of being. In other words, its specificities as an autonomous field of knowledge. By the realisation of this task, we seek to counter the fundamentals of this field of knowledge whit its own historical development and, by this, to present the inherent contradictions to its formation from a necessary dialog whit marxist theory. At last, it will suggest few elements understood as fitting to a critique of anthropological reason.

KEYWORDS: Anthropology; Marxism; Critical.

5. PARA UMA CRÍTICA À RAZÃO ANTROPOLÓGICA

Para que pudéssemos propor uma crítica à razão antropológica, era antes necessário identificarmos do que se trata a “razão antropológica”. Tentamos, dentro dos limites do nosso trabalho, apresentar toda uma formulação teórica que culminou com a tentativa de delimitar o que tem se apresentado como a razão de ser da Antropologia,

ou seja, aquilo que ela é em essência e que a faz se constituir enquanto um campo de conhecimento autônomo. Essa identificação foi obtida através da investigação das principais determinações presentes nesse campo de conhecimento, desde o modo pelo qual se conforma o produto do trabalho do antropólogo, até uma investigação sobre os seus aspectos históricos constitutivos. Não se trata, nesse momento, de propor uma crítica definitiva à Antropologia. Isso seria irresponsável na medida em que, apesar dos esforços aqui empreendidos, esse trabalho não se propõe a dar conta da totalidade das questões que envolvem esse campo disciplinar.

Apesar das lembranças, tivemos aqui muitas ausências: não investigamos especificamente – e criticamente – alguns elementos da pesquisa etnográfica, como, por exemplo, a observação-participante, a história oral, dentre outros; não adentramos exclusivamente na seara das temáticas que, através da literatura antropológica, tem se mostrado como inseridas no seio dessa tradição, como por exemplo: as questões envolvendo o totemismo, rituais, animismo, tabus, parentesco, entre tantas outras. Entretanto, acreditamos que os elementos aqui apresentados nos dão fundamento para fazer, não a crítica definitiva da razão antropológica, mas sim, o estabelecimento dos pressupostos para essa crítica a partir de determinado referencial. Ou seja, esse trabalho se propõe a sugerir os elementos e pressupostos “para” uma crítica à razão antropológica.

Não se trata, como alguns podem imaginar, de propor uma crítica em prol da razão antropológica. Uma crítica com essa intenção implica na manutenção da forma pela qual a Antropologia se apresenta. Tal empreendimento é o que acreditam terem feito, principalmente, os autores convencionados como “pós-modernos”, que, inclusive, anteriormente eram nomeados como “descontentes”. As formulações advindas dessa tradição têm a capacidade de identificar contradições latentes no interior do conhecimento antropológico. Apesar do bom diagnóstico, os “pós-modernos” propõem, na melhor das hipóteses, a busca por “uma outra Antropologia”. Em contrapartida, uma crítica à Antropologia é, antes de qualquer outra coisa, uma ruptura com os pressupostos aqui evidenciados que se configuram enquanto sua razão de ser. Como veremos, não se trata, portanto, de propor o fim da Antropologia; nem mesmo de uma negação da produção obtida sob a órbita desse saber. Trata-se, portanto, de propor um modo pelo qual os conhecimentos ditos antropológicos não apareçam como um ente externo aos demais campos de conhecimento e, como consequência, pensar como essa especificidade da produção antropológica, que hoje se cola aos limites de um campo disciplinar, pode ser ainda mais relevante para a produção do saber tendo em vista a totalidade dos complexos sociais.

Direto ao ponto: acreditamos que a tradição marxista é o tecido teórico ideal para que se estabeleça uma crítica à razão antropológica. Não por uma noção superficial que dê a entender que qualquer outro tipo de abordagem seria insuficiente ou irracional – pelo

contrário, não poderíamos fazer *tabula rasa* do conhecimento crítico à antropológica previamente existente. Mesmo alguns autores ditos pós-modernos, como Johannes Fabian ou mesmo George Marcus, conseguiram identificar importantes contradições existentes no interior da história do pensamento antropológico. Todavia, o tratamento que o desenvolvimento da perspectiva antropológica deu ao marxismo, aliado à relação que o pensamento de Marx e do marxismo tiveram com a Antropologia, nos convida a acreditar que nenhuma outra tradição possui um arsenal teórico que pudesse ser tão compatível com a crítica aqui proposta. Para isso, e na necessidade de justificar nossa escolha, é importante compreendermos o papel desempenhado pelo marxismo desde o surgimento da Antropologia moderna, bem como o modo pelo qual a Antropologia reagiu a essa perspectiva. Não trata, neste momento, de fazer uma defesa dos autores circunscritos nessa tradição, ao contrário, nos posicionamos criticamente a alguns dos principais expoentes desse campo. Nosso propósito inicial é compreender o modo pelo qual a relação entre Antropologia e marxismo se conformou historicamente. Para tanto, retornaremos à segunda metade do Século XIX, onde se localiza o pecado original da discussão aqui proposta.

A origem da Antropologia é tão obscura que se tomou Morgan por Marx, e fez de um burguês americano a imagem refletida daquele que foi o maior crítico da burguesia. Mesmo um autor não pertencente à tradição marxista soube reconhecer que, “muitas vezes, através de Morgan, é o marxismo que se ataca” (ROULAND, 2018). Mas em que momento se estabeleceu uma relação entre o pensamento de Morgan e o de Karl Marx¹?

A primeira publicação de *Ancient Society*, a mais reconhecida obra de Lewis Morgan, veio a público no ano de 1877. Dois anos depois, como um presente de um sociólogo e historiador russo, Maksin Kovalevsky, Marx teve o primeiro contato com a obra do antropólogo americano. Os registros dão conta que foi somente entre dezembro de 1880 e junho de 1881 que Marx leu a obra de Morgan. Mas essa não foi uma leitura qualquer: Marx tomou notas, fez comentários e transcrições dessa obra de Morgan. Acerca da leitura de *Ancient Society*, Marx se interessou pela relevância que Morgan atribuía aos fatores técnicos como condições do desenvolvimento do progresso social (MUSTO, 2018, p.31). Era comum a Marx a prática de transcrever e comentar em seus cadernos aquilo que o interessava nos livros que frequentemente lia. Mais da metade de um desses cadernos foi dedicado à obra *Ancient Society*, de Morgan.

A leitura de Morgan não reflete a análise de alguns intérpretes – como Lawrence Krader, principalmente – de que Marx estivesse interessado especificamente nos trabalhos etnológicos e etnográficos. É importante compreender que a leitura de Marx da obra de Morgan não é deslocada das investigações que esse autor desenvolvia àquela época. Na verdade, essa leitura está inserida em um momento através do qual Marx dedicava a

¹ Para uma análise dos tensionamentos entre Marx e Morgan, conferir a dissertação de Álvares (2019).

umentar o seu conhecimento acerca dos períodos históricos distintos e das temáticas consideradas importantes para a manutenção do seu projeto de crítica à economia política. Assim, parece-nos evidente que a leitura de um autor como Morgan, cuja temática trabalhada era o que se tinha de mais sofisticado na produção etnológica de seu tempo, ocasionou descobertas para as investigações que Marx desenvolvia.

Nesse sentido, é evidente que há uma mudança na compreensão de Marx sobre as formas sociais comunais se considerarmos como esse autor tratou a Índia na década de 50 do século XVIII, quando tinha acesso apenas aos documentos da expedição britânica – ou seja, investigou uma nação com documentos de seus colonizadores a partir dos chamados *blue-books* – do modo como Marx tratou os Iroqueses através da leitura de Morgan, esta que é uma investigação sistemática e detalhada sobre uma comunidade sem classes socioeconômicas em um momento no qual a Antropologia começava a se desenvolver plenamente (ÁLVARES, 2017; MUSTO, 2018). Morgan não era, àquela época, um autor qualquer, e, portanto, o tratamento que o desenvolvimento posterior da Antropologia deu a esse autor não é condizente com sua importância para a origem e construção moderna desse campo de conhecimento.

Vejamos um exemplo: no ano de 2012 foi publicada uma coletânea cuja intenção era apresentar os principais textos referentes aos estudos de parentesco na história da Antropologia². Em uma exposição cronológica, essa coletânea reafirma que os principais cânones dessa temática partiram de Tylor, perpassando alguns escritos de Durkheim, Kroeber, Rivers, Evans-Pritchard, Lévi-Strauss, entre outros. Não se trata de negar a importância que esses autores tiveram em relação à temática de parentesco, afinal, suas proposições foram fundamentais para o entendimento e a crítica posterior a esse campo temático. Contudo, essa recém-publicada obra ressalta mais uma ausência do que efetivamente as lembranças. Não é necessário ser um autor crítico para reconhecer o caráter precursor dos estudos de Morgan sobre essa temática a partir de seu *Systems of Consanguinity and Affinity of the Human Family*, estudo pioneiro sobre o parentesco publicado no ano de 1869. Não de maneira espontânea, Lévi-Strauss dedica à memória de Lewis Morgan sua obra *As Estruturas Elementares do Parentesco*.

Considerando os estudos sobre o parentesco uma das maiores contribuições clássicas da Antropologia para o que se propõe tal conhecimento disciplinar, as posições de Morgan em sua obra precursora já poderiam ser suficientes para acomodá-lo no patamar de um autor fundamental para a história do pensamento antropológico. Mas suas contribuições não pararam por aí: como já mencionamos anteriormente na primeira parte deste estudo, defendemos que a Antropologia moderna começa a partir das formulações de Morgan pelo fato desse autor ter sido o responsável por pioneiramente realizar uma articulação consciente entre campo e teoria em função da pesquisa antropológica através de

2 Referimo-nos aqui ao livro “El parentesco: textos fundamentales. - 1 ed. Buenos Aires: Biblos, 2012.”.

suas descrições e análises dos costumes dos iroqueses na segunda metade do Século XX³. E claro, não bastasse essas importantes contribuições, Morgan ainda desenvolveu aquela que podemos chamar de sua obra prima: *Ancient Society* que, na pior das hipóteses, e a despeito de suas insuficiências, pode ser considerada uma grande investigação do desenvolvimento técnico que precedeu o capitalismo a partir de uma comparação entre Roma, Grécia e a sociedade Iroquesa. Foi esse trabalho em específico que provocou o interesse de tantos pesquisadores nos Estados Unidos e na Europa oitocentista. Morgan não foi o último do velho, mas sim, o primeiro do novo.

Marx faleceu em 1883, interrompendo seus planos, segundo Engels (2012, p. 17), de “expor os resultados das investigações de Morgan para esclarecer todo o seu alcance em relação com as conclusões de sua análise materialista da história”. Após a morte de Marx, Engels se sentiu na responsabilidade de produzir uma obra que tinha como fundamento os estudos históricos que Marx vinha realizando. Para Engels (2012, p. 17), isso seria “a execução de um testamento”⁴ – embora, para Marcello Musto (2018, p.34), essa “execução de testamento” nada mais era do que uma “pobre compensação”. E assim, em 1884, foi publicado o livro *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, de autoria de Friedrich Engels. Como os rascunhos de Marx do texto de Morgan só foram publicados na segunda metade do século XX⁵, por muito tempo a tradição antropológica tomou Marx por

3 Em seu prefácio à Liga dos Iroqueses, Morgan afirmou: “Como este trabalho não afirma ser baseado em autoridades, uma questão pode surgir na mente do leitor: de onde seus materiais foram derivados, ou qual confiança deve ser colocada em suas declarações? A credibilidade de uma testemunha depende principalmente dos seus meios de conhecimento. Por essa razão, pode não ser irrelevante afirmar que circunstâncias do início de sua vida, não necessariamente relacionadas, levaram o autor a um intercâmbio frequente com os descendentes dos iroqueses e levaram à sua adoção como Sêneca. Isso deu a ele oportunidades favoráveis para estudar minuciosamente sua organização social, a estrutura e os princípios da antiga Liga. Extensas notas eram realizadas de tempos em tempos, quando o lazer permitia que ele refizesse suas pesquisas, até que elas se acumulassem além dos limites do presente volume. À medida que os materiais aumentaram em quantidade e variedade, o interesse despertado no assunto finalmente induziu a ideia de seu arranjo para publicação” (MORGAN, 2019, p.44).

4 Outra interpretação poderia levar em conta o fato de que essa “execução de um testamento” compreenderia todo o processo de edição que Engels faz das obras de Marx após sua morte, como por exemplo, a publicação dos tomos II e III de *O Capital*, das *Teorias da Mais-Valia*, entre outros. Porém, o modo pelo qual Engels escreve no prefácio parece estar de acordo com a nossa interpretação, afinal, ele diz: “os capítulos seguintes vêm a ser, de certo modo, a execução de um testamento”.

5 Sob o título de *Ethnological Notebooks os Karl Marx* (1972), Lawrence Krader editou e publicou os cadernos em que Marx supostamente tratou de assuntos “etnológicos”. Porém, “dos quatro autores dos *Cadernos etnológicos*, Phear e Maine eram juristas de formação, inclusive fizeram carreira na área; já Lubbock é um dos percussores da produção de conhecimento arqueológico, sendo um dos responsáveis por conceber a arqueologia como uma disciplina científica; e Morgan, esse sim, mesmo tendo sua formação enquanto jurista, destinou sua carreira para os temas etnológicos. As notas desses quatro autores, na verdade, constituem aproximadamente apenas metade dos cadernos de Marx de 1879 a 1882 que contém informações sobre sociedades não ocidentais e pré-capitalistas. Além dos editados por Krader (...) e nesse bojo incluo aqui também os *Cadernos Kovalevsky* (p.35) –, ainda constam anotações dos seguintes autores: o funcionário público colonial Robert Sewell e seus escritos sobre a história indiana; os historiadores e juristas alemães Karl Bücher, Ludwig Friedländer, Ludwig Lange, Rudolf Jhering e Rudolf Sohm sobre a formação do Estado, classe e gênero em Roma e na Europa medieval, o advogado britânico J.W.B. Money e seus estudos sobre a Indonésia; dentre outros trabalhos acerca do que hoje entendemos como antropologia física e paleontologia (ANDERSON, 2010, p.197-198). É notória a intenção de Krader, como antropólogo, em selecionar os textos assim chamados ‘etnológicos’ de Marx para a edição que organizou. Entretanto, me parece que da mesma forma um jurista poderia ter selecionado textos e seu critério e organizado os “Cadernos jurídicos” de Marx, ou que um geólogo pudesse editar os “Cadernos paleontológicos”. A constatação é: apesar dos esforços de Krader (...) os anos finais da vida de Marx não foram destinados apenas aos estudos assim chamados ‘etnológicos’.” (ÁLVARES, 2017).

Engels, e Engels por Morgan. Essa associação, que partiu necessariamente de uma grande trama não esclarecida entre esses autores, foi prejudicial para os três atores envolvidos, de tal modo que Rouland (2018) afirmou que “a reutilização pelos fundadores do marxismo das conclusões de Morgan foi tanto uma oportunidade como um infortúnio para o antropólogo americano: por um lado, em curto prazo, contribuiu para a sua difusão; mas, em longo prazo, provocou seu descrédito – exagerado em certos pontos – no qual seu trabalho era diminuído”. Já para Marx e Engels, a associação ao trabalho de Morgan provocou a equivocada impressão de que esses dois autores eram pertencentes à tradição evolucionista de pensamento. Essa constatação pode ser comprovada na importância que o pensamento de Morgan teve junto à Antropologia soviética a partir do texto de Engels. Essa aproximação se baseou no fato de que, como afirma Paul Tolstoy (2017), “o prestígio de Morgan é frequentemente intensificado na literatura soviética pela repetição de uma lenda que aparentemente foi criada pelo próprio Engels”, que se trata de uma suspeição na qual Morgan “seria supostamente ‘silenciado’ por outros cientistas burgueses, pois, suas teorias questionavam os fundamentos morais da sociedade burguesa”.

Vários elementos que foram intensamente discutidos no período de formação da Antropologia moderna já estavam presentes em Marx, a tal ponto que atribuir a Franz Boas o precursor da necessidade de investigação histórica sob um determinado objeto é quase uma afronta às formulações que a antecederam, principalmente se considerarmos que Marx já falava dessa necessidade há pelo menos meio século antes de Boas (cf. MARX, 2011; MARX; ENGELS, 2007). A noção de “fato social total”⁶, sob inspiração Durkheimiana, que fora apresentado por Marcel Mauss como um grande ineditismo para a Antropologia, não se manifesta como uma novidade aos familiarizados pela noção de “totalidade”⁷ na obra do Marx – não se trata nem de propor uma aproximação arbitrária desses termos, mas sim, apresentar o modo como a formulação de Mauss ignora a precedente de Marx. Também, Segundo Engels (2015, p.181), autor famoso pelo seu conhecimento enciclopédico, somente Marx tinha realizado em suas pesquisas – em seu tempo – essa busca por investigações históricas acerca dos modos de produção que precederam o capitalismo. Marvin Harris (1979, p.199) chama atenção para o fato de que, nos livros que se referem à história do pensamento antropológico, o nome de Marx

6 Sobre o assim chamado “fato social total” de Mauss; “Existe aí [nas sociedades primitivas] um enorme conjunto de fatos. E fatos que são muito complexos. Neles, tudo se mistura, tudo o que constitui a vida propriamente social das sociedades que precederam as nossas – até às da proto-história. Nesses fenômenos sociais “totais”, como nos propomos chamá-los, exprimem-se, de uma só vez, as mais diversas instituições: religiosas, jurídicas e morais – estas sendo políticas e familiares ao mesmo tempo –; econômicas – estas supondo formas particulares da produção e do consumo, ou melhor, do fornecimento e da distribuição –; sem contar os fenômenos estéticos em que resultam estes fatos e os fenômenos morfológicos que essas instituições manifestam” (MAUSS, 2003, p.185).

7 Sobre a noção de “totalidade” em Marx: “A categoria de totalidade significa (...), de um lado, que a realidade objetiva é um todo coerente em que cada elemento está, de uma maneira ou de outra, em relação com cada elemento e, de outro lado, que essas relações formam, na própria realidade objetiva, correlações concretas, conjuntos, unidades, ligados entre si de maneiras completamente diversas, mas sempre determinadas” (LUKÁCS, 1967, p.240).

é constantemente negligenciado⁸: Robert Lowie sequer incluiu seu nome em seu índice; enquanto que Penniman não dedica a Marx mais do que poucas linhas insignificantes; já Hallowell menciona Comte e Buckle, mas não fala de Marx. Daí que talvez fizesse sentido compreender, como sugeriu Alfred Meyer (1954, p.22), que “a Antropologia se desenvolveu com inteira independência do marxismo”.

Marvin Harris (1979, p.217), em contrapartida à hipótese sugerida por Meyer, baseado na constatação de que a doutrina marxista soviética incorporou o esquema evolutivo de Morgan, que para o desenvolvimento da Antropologia foi necessário rechaçar a doutrina de Morgan e o método em que ela se baseia, a Antropologia teria se desenvolvido não “ignorando” o marxismo, mas sim, em reação a essa tradição, baseado na constatação de que ao atingir Morgan era também o pensamento de Marx que se atingia. Ou seja, a Antropologia “se desenvolveu inteiramente contra o marxismo”⁹.

A partir da investigação que até aqui apresentamos, podemos sugerir que, na realidade, as concepções de Meyer e de Harris não são excludentes. A Antropologia, ao mesmo tempo em que reagiu a um vestígio de pensamento materialista que supostamente estaria alinhado a uma concepção marxista, também ignorou o tecido teórico elaborado por Marx. Porém, parece-nos que o modo pelo qual a Antropologia ignorou Marx não se conformou apenas por uma constatação de que as formulações desse autor teriam sido irrelevantes para o campo de conhecimento que se formava, mas sim, pelo fato de que esse desenvolvimento à parte do marxismo foi realizado de maneira intencional. Alinhado tanto à hipótese elaborada por Meyer, quanto na objeção sugerida por Harris, propomos aqui que *a Antropologia se desenvolveu tanto ignorando intencionalmente o marxismo, quanto em reação às formulações dessa tradição crítica.*

Nos fins do Século XIX, e por toda a extensão da primeira metade do Século XX, a Antropologia com influência do pensamento marxista ressoou em pelo menos dois contextos: o primeiro deles a partir do cenário alemão que antecedeu ao nazismo; e a segunda a partir da crítica impiedosa que surgira no seio do contexto soviético, pré e pós a Revolução Russa. Compreendamos, portanto, o modo pelo qual o pensamento marxista teve influência na Antropologia nesses dois contextos distintos.

Sabe-se que as principais figuras intelectuais do socialismo alemão conheceram pessoalmente Karl Marx e, após sua morte em 1883, mantiveram uma relação próxima com Engels. A obra de Marx gozava na Alemanha de um prestígio acadêmico que não era observado de maneira semelhante em outros países. Na Inglaterra, França e Estados Unidos – as fortalezas da nova ciência social a-histórica, estrutural funcionalista, cultu-

8 Em outros casos, é equivocadamente mencionado, como em Eriksen e Nielsen (2007).

9 A antropóloga marxista Eleanor Leacock, apesar de reconhecer a importância de Harris para o pensamento crítico antropológico, não considerava Harris como pertencente à tradição marxista, o mencionando como um “materialista, embora antidialético” (LEACOCK, 2012, p.296).

ralista e antievolucionista – Marx era conhecido, sobretudo, como uma figura política, um agitador perigoso e um renomado crítico (PALERM, 2008, p.55). Por consequência, a Antropologia com influência do pensamento marxista pôde ter uma ressonância considerável na Alemanha.

Dentre os principais expoentes, podemos mencionar: Heinrich Cunow, que desenvolveu obras sobre as civilizações pré-colombianas; Groesse, acerca das formações econômicas pré-capitalistas e dos tipos de organização familiar; Wittfogel, que enquanto teve influência do pensamento marxista, desenvolveu trabalhos sobre o modo de produção asiático; Richard Thurnwald e seus estudos pioneiros no âmbito da Antropologia econômica (2008, p.55); e, claro, provavelmente o mais explícito entre eles, Paul Kirchhoff, que desenvolveu diversos escritos também sobre a América pré-colombiana, e conhecido também por ter formulado o conhecido termo “Mesoamérica”, que denomina a região do continente americano que inclui o sul do México, os territórios da Guatemala, El Salvador e Belize, como também porções da Nicarágua, Honduras e Costa Rica (KIRCHHOFF, 2000). Vejamos, porém, outra contribuição de Kirchhoff que pode ser entendida como um dos textos da primeira metade do Século XX que melhor articula a Antropologia e o marxismo. Referimo-nos às transcrições das conferências proferidas na Universidad de México em 1938-1939 que foram publicadas na extinta revista *Antropologia y Marxismo* sob o título de *Etnología, Materialismo Histórico y Método Dialéctico*.

Para Kirchhoff, o que deveria interessar a um marxista na Antropologia são as “formas transitórias entre a sociedade em classe e a sociedade classista”, e a esse propósito, o continente americano poderia oferecer dados preciosos para o estudo dessas formas transitórias. Nesse sentido, a etnologia para Kirchooff seria “o estudo da sociedade primitiva sem classes, ou seja, é parte integral da ciência da sociedade humana em geral. A dita ciência é a história”, afinal, “a única maneira de estudar a sociedade humana em todas as suas manifestações e inter-relações é estudá-la em seu movimento contínuo, ou seja, seu desenvolvimento, sua evolução, sua história”. É nesse sentido que a etnologia, por consequência, deveria ser considerada como “parte integral da história”: “trata da mesma matéria, a sociedade humana, e persegue a mesma finalidade como a história (...), ou seja, a etnologia, assim como a história geral busca descobrir leis históricas, o conhecimento através dos quais podem nos guiar por meio de nossa atividade prática” (KIRCHHOFF, 1979, p.11). Esta última noção do antropólogo teuto-mexicano está plenamente de acordo com a concepção de Marx e Engels (2007, p. 86): “conhecemos uma única ciência, a ciência da história. A história pode ser examinada de dois lados, dividida entre história da natureza e história dos homens”. Contudo, esses dois lados não podem ser separados: “enquanto existirem homens, história da natureza e história dos homens se condicionarão reciprocamente”. E seguindo Marx e Engels, cujas palavras são plenamente compatíveis aos objetivos deste trabalho, “a história da natureza, a assim chamada ciência natural, não nos diz respeito aqui; mas, quanto a história dos homens, será

preciso examiná-la, pois quase toda a ideologia se reduz ou a uma concepção distorcida dessa história ou a uma abstração total dela”.

A conclusão do texto de Kirchhoff é a seguinte: se aceitamos a definição de etnologia como o estudo da sociedade primitiva sem classes, e por consequência, que a etnologia é parte integral da história da sociedade humana em geral, “devemos também aceitar, para o estudo dos dados da etnologia, o mesmo materialismo histórico que reconhecemos como único método científico no estudo histórico em geral” (1979, p.11). Mas a influência desta tendência marxista nesses antropólogos alemães, bem como a repercussão de seus trabalhos, não foi duradoura. Como nos informa Palerm (2008), o nazismo acabou não só com a dita Antropologia marxista, mas também com qualquer tipo de Antropologia científica na Europa Central. A dispersão, por todo o mundo, dos cientistas sociais críticos que puderam escapar daquela forma autoritária de Estado, expandiu o interesse pela teoria marxista em outros países, como a própria ida de Kirchhoff para o México, a mudança de Gordon Childe para a Inglaterra, e de Leslie White e Steward para os Estados Unidos.

O segundo contexto no qual a influência do marxismo na Antropologia teve alguma repercussão se deu nos fins do Século XIX e na primeira metade do XX, na Rússia soviética, principalmente a partir dos escritos de Tolstov, Levine, Marr, Matorin, entre outros etnólogos e etnógrafos soviéticos. Os historiadores da etnografia argumentaram corretamente que havia poucos etnógrafos marxistas no contexto soviético no período que antecedeu os anos 20 do Século XX. O marxismo se inseriu nesse campo por meio das esferas vizinhas da produção intelectual e, já no final da década de 1920, se destacou sobre o campo da Antropologia que há pouco tempo se institucionalizara. Podemos discernir duas origens dessa inserção: um novo marco de história sociológica, muitas vezes chamada de “história do desenvolvimento de formas sociais”, que floresceu nas universidades comunistas estabelecidas pelos bolcheviques, e a cada vez mais influente linguística “Teoria Jafética¹⁰”, inspirada nas formulações de Nikolái Marr, que cresceu entre o florescimento da Antropologia de influência marxista através dos estudos da linguagem e atraiu um número cada vez maior de seguidores em áreas relacionadas de investigação¹¹. Ambos os desenvolvimentos intelectuais foram claramente apoiados pelo regime e contribuíram para o processo e o resultado da transformação marxista da etnografia soviética (ALYMOV, 2014, p.123).

Nas palavras de Tolstov (1949, p.15), “um dos objetivos táticos centrais da ciência etnográfica soviética é uma divulgação sistemática, impiedosa e consistente dos conceitos reacionários mais recentes da etnografia burguesa – a assim chamada “antropologia, no

10 A “Teoria Jafética” de Nikolái Marr postula que as línguas das áreas do Cáucaso estão relacionadas com as línguas semíticas provenientes do Oriente Médio.

11 “O quadro é mais complicado também no sentido de que marxistas e aqueles conhecidos como “marristas” não constituíam um grupo consolidado. Nem todos os marxistas compartilhavam entusiasmo pelas teorias do acadêmico Nikolái Marr; nem todos os “marristas” usaram categorias marxistas de análise socioeconômica. Uma minoria de ambos concordou completamente com a crítica da etnologia, com o apelo que se seguiu ao seu abandono, que veio dos radicais” (ALYMOV, 2014, p.124)

sentido anglo-americano”. A onda de discussões, congressos e reorganizações que atingiram o auge em 1929-1932 foi descrita na historiografia soviética como o “domínio criativo do marxismo”. A literatura demonstra que a perspectiva marxista na Antropologia soviética trouxe novas agendas teóricas, abordagens de pesquisa e problemas intelectuais e morais que a florescente geração de etnógrafos tentaria resolver. Além disso, como enfatiza Alymov (2014, p.124), também é notório que esses investigadores estivessem determinados a servir ao regime soviético e aos interesses dos povos que estudavam, assumindo que esses interesses eram coincidentes.

Embora o auge da Antropologia de influência marxista na União Soviética tenha se dado no contexto supracitado, o seu fenecimento não foi uma consequência direta da derrocada do regime soviético. Estudiosos continuaram a falar sobre formações sociais pré-capitalistas e frequentemente citavam Marx, Engels e Morgan. Sem dúvida a aproximação da obra de Morgan com a de Marx e Engels é uma consequência do fato de que ainda não havia sido publicado o extenso estudo de Lawrence Krader no qual foi apresentado a público os *Cadernos Etnológicos* de Karl Marx que, desde então, trouxeram novas interpretações acerca da relação de seus escritos com a obra de Lewis Morgan¹². Por outro lado, alguns intérpretes diriam que o verdadeiro marxismo nunca atuou na Antropologia soviética, considerando que a experiência que ali exerceu influência não era mais do que uma mistura entre um evolucionismo antiquado e as perspectivas engelsianas.

A impressão de que o marxismo havia perdido seu impulso no início dos anos 1960 não contradiz a existência de alguns verdadeiros debates em curso sobre a primazia do clã ou da comunidade como a principal unidade econômica das sociedades primitivas (ALYMOV, 2014, p. 142). Se naquelas circunstâncias a Antropologia soviética não obteve ressonância para além de suas próprias fronteiras, foi a partir da década de 60 do Século XX que o marxismo pôde adquirir seu auge na história do pensamento antropológico. Se a presença da tradição marxista na Antropologia estadunidense é notória, foi a incidência na Antropologia francesa que fez a perspectiva marxista obter seu momento de maior repercussão nesse campo de conhecimento.

A influência de certa Antropologia marxista na França estava relacionada com uma série de fatores que propiciaram tal enfoque: as efervescências políticas nas até então colônias com o objetivo de independência, principalmente a da Argélia, e a guerra imperialista no Vietnã semearam a necessidade de compreender as mudanças nas formas de inserção das sociedades dominadas na economia dominante.

Quanto às influências intelectuais, aliado à publicação do extrato de Marx intitulado *Formações Econômicas Pré-Capitalistas*, que colocou em evidência um novo horizonte de interpretação da obra marxiana a partir de seus escritos sobre as formas que antecederam o modo de produção capitalista, outros dois fatores exerceram demasiada importância: a

¹² Embora as notas de Marx a Morgan fossem primeiramente publicadas em russo antes da edição de Lawrence Krader (cf. ÁLVARES, 2019).

nova perspectiva antropológica baseada no conflito colonial na África, proposta por Georges Balandier; e as reformulações teóricas do marxismo propostas por Althusser (TURATTI, 2011, p. 129). As influências de Althusser e Balandier tiveram incidência, respectivamente, naqueles apontados como os maiores nomes da chamada “escola francesa de Antropologia marxista”: Maurice Godelier e Claude Meillassoux¹³.

Ao pensamento de Godelier é atribuído um duplo pilar de influências: além do marxismo althusseriano, ele também possui considerável influência da etnologia estruturalista francesa, sobretudo pela égide de Lévi-Strauss¹⁴, o qual foi sua grande referência intelectual, apesar de nutrir certa autonomia ao estruturalismo – vale ressaltar que Godelier foi também professor assistente de Lévi-Strauss no *Collège de France*.

O próprio Godelier (1974, p. 22) explica a relevância do texto *Formações Econômicas Pré-Capitalistas* – para essa nova formulação teórica pós década de 60, afinal, tal escrito “expõe o único modelo de evolução da humanidade escrito por Marx e confronta o capitalismo com as formas pré-capitalistas de produção”. Esses estudos de Marx (2008, p. 50) serviram como substrato para sua breve lista de modos de produção apresentada no importante *Prefácio de 59*¹⁵: “em grandes traços, podem ser os modos de produção asiático, antigo, feudal e burguês moderno designados como outras tantas épocas progressivas da formação da sociedade econômica”¹⁶.

Meillassoux, por outro lado, não possuía ligações nem como as reformulações teóricas de Althusser, tampouco com o estruturalismo de Lévi-Strauss. Suas influências eram as perspectivas antropológicas de Balandier e o processo de independência colonial à época, o que inclusive o motivou a produzir trabalhos em comunidades tribais africanas¹⁷. Como explica Mauro W. B. Almeida (2003, p. 81), uma das principais contribuições de Meillassoux foi ter feito uma conexão entre a exploração colonial e a dissolução da sociedade primitiva através da mercantilização da terra, retomando assim o tema da acumulação primitiva.

Aliando suas influências, Meillassoux conclui, baseado nos seus estudos africanistas, que “a história testemunha o fato de a transferência gratuita de valores das sociedades pré-capitalistas para as potências imperialistas ser um fenômeno permanente

13 Além de Godelier e Meillassoux, podemos mencionar outras referências francesas: Emmanuel Terray, Jean Copans, Pierre Bonte, Pierre-Philippe Rey – entre outros.

14 Sobre a ligação entre Lévi-Strauss e o pensamento marxista, conferir Álvares (2020).

15 O assim chamado *Prefácio de 59* corresponde ao prefácio de Marx à obra *Contribuição à crítica da economia política*, de 1859.

16 São diversas (e controversas) as discussões sobre esses modos apresentados por Marx. Como não entraremos afundo nessa questão, por ora, cabe, porém, uma advertência feita pelo Hobsbawm na *Introdução às Formações Econômicas Pré-Capitalistas*: “A lista, e boa parte das discussões subjacentes a ela (...) são o resultado da observação e não da dedução teórica. (Marx propõe) a existência de uma sucessão de modos de produção, e não a existência de modos específicos, nem que haja uma ordem pré-determinada para esta sucessão” (HOBSBAWM, 2006, p.22).

17 Principalmente junto aos Gouros na Costa do Marfim.

(...) que não cessou de alimentar a economia capitalista desde o início da sua existência” (MEILLASSOUX, 1976, p.172). As diferenças entre Godelier e Meillassoux – e os demais integrantes desse campo de pensamento – demonstram que, o que normalmente é conhecido como “Antropologia marxista francesa” enquanto uma unidade teórica, não possui elementos consideráveis para se constituir enquanto uma corrente teórico cujo pensamento é alinhado¹⁸.

Em outro polo, a Antropologia americana experimentou a influência do pensamento marxista principalmente em dois momentos: no primeiro deles, a partir da ascensão dos assim denominados Neo-Evolucionistas nos fins da década de 50 e decorrer da década de 60 do Século XX que, a seus modos, tentavam reformular as interpretações boasianas da obra de Lewis Morgan. Essa “corrente” teve como principais personagens Julian Steward e principalmente Leslie White (2009), esse que esteve obcecado em descobrir as leis gerais da evolução cultural.

O segundo momento de ascensão da Antropologia marxista nos Estados Unidos deu-se, principalmente, a partir das formulações da negligenciada Eleanor Leacock, considerada, ainda hoje, a principal antropóloga com influência marxista daquele país. Suas pesquisas relacionam o surgimento da opressão de gênero em consonância com o surgimento das classes sociais, através de processos ligados à produção de mercadorias, formação das instituições do Estado, o colonialismo, ou modelos de desenvolvimento (LEACOCK, 2019). Não obstante, uma das singularidades de Leacock é o fato dela sempre ter prezado por uma linguagem mais acessível em seus trabalhos, pois rejeitava o que considerava um “elitismo da prosa acadêmica” (GAILEY, 1988, p.219) – tão presente nas ciências humanas e sociais. Os trabalhos de Leacock influenciaram também uma geração de seguidores de suas formulações, dentre eles, Richard Lee, – que foi coautor de alguns trabalhos juntamente com a antropóloga – Constance Sutton e mais recentemente Christine Gailey.

Na Inglaterra, talvez a tradição marxista que mais teve influência nessa matriz antropológica foi composta pelo *Radical Anthropology Group*, que surgiu como consequência ao encerramento autoritário do curso de Introdução à Antropologia que era ofertado regularmente por Chris Knight, no Morley College, em Londres. Tal grupo exerceu sua influência, sobretudo, a partir das formulações de Knight, que é influenciado tanto por Marx e Engels quanto por Darwin. Chris Knight sugere que houve uma revolução humana por parte da linguagem e, assim, defende que a nossa capacidade inata de linguagem evoluiu gradualmente e, para tanto, foi necessária uma revolução para liberar esse potencial. O resultado mais precioso dessa revolução teria sido o estabelecimento de cooperação suficiente entre os povos para permitir que a linguagem funcionasse: “fora da socieda-

18 Após esse momento de efervescência da Antropologia marxista na França, podemos citar outros autores que mantiveram acesa a chama da Antropologia marxista naquele país, como Alain Testart e seu orientando Christophe Darmangeat.

de humana, a linguagem não pode evoluir” (KNIGHT, 2005). Outros expoentes relevantes do *Radical Anthropology Group* são Camilla Power, com seu enfoque sobre a questão da mulher nas sociedades sem classe; e Lionel Sims por meio de suas formulações sobre o chamado “comunismo primitivo”.

Mas nem só no eixo Pan-Europeu a Antropologia sofreu influência da tradição marxista de pensamento crítico. Há também uma forte tradição de marxistas no campo antropológico oriundos das “margens”. No contexto da revolução moçambicana, Eduardo Mondlane foi um dos marxistas com formação antropológica que acenava para a existência de um “marxismo caseiro” que considerasse as especificidades locais daquele país. Já na América latina: o cubano Joseph Llobera, que fez sua carreira intelectual na Europa, desenvolveu importantes trabalhos, dentre outros, sobre a história da Antropologia, o modo de produção asiático, a questão das especificidades nacionais; Luis Guillermo Vasco Uribe, antropólogo marxista colombiano, desenvolveu etnografias que versam sobre o desenvolvimento das condições materiais de subsistência, além de trabalhos teóricos sobre Lewis Morgan e a relação de Marx com a antropologia; já os assim chamados “etnomarxistas” mexicanos, principalmente em torno da figura de Gilberto López y Rivas, enfatizavam principalmente a necessidade de um compromisso social do antropólogo quanto ao foco e as intenções de suas pesquisas.

Como precursor no contexto brasileiro, podemos mencionar a influência marxista e neo-evolucionista presente na obra de Darcy Ribeiro, que foi um dos grandes intérpretes das especificidades nacionais desse país; os grandes trabalhos etnográficos, teóricos e editoriais de Edgard de Assis Carvalho, que foi um dos principais responsáveis pela introdução de textos clássicos da antropologia de influência marxista no Brasil; os trabalhos etnográficos e etnológicos de Carmen Junqueira acerca sobre os povos indígenas da Amazônia; além das investigações sobre a relação entre mitos e práticas sociais por parte da antropóloga Silvia Maria S. de Carvalho que opunha à análise estrutural de mitos uma espécie de “análise marxista dos mitos”.

É evidente que as correntes e grupos aqui apresentados nesse estudo não têm como fundamento mencionar toda amplitude da tradição marxista na Antropologia, mas sim, apresentar apenas um breve panorama da influência que essa perspectiva crítica obteve nesse campo de conhecimento¹⁹. Podemos atribuir entre as décadas de 60 e 80 o momento preponderante de repercussão do marxismo no seio da Antropologia. Mas essa influência tem fenecido cada vez mais, e por diversos motivos, dentre eles: as críticas sofridas pela tradição marxista; o abandono de autores dessa perspectiva – como é o caso de Maurice Godelier; e a ascensão de outras perspectivas críticas de pensamento no interior do conhecimento antropológico.

19 Uma pesquisa ainda a ser desenvolvida buscará a compreensão mais aprofundada da eventual influência do pensamento marxista na África bem como na Ásia. Essa omissão não compromete os objetivos desse trabalho aqui apresentado, entretanto, para uma investigação definitiva, torna-se absolutamente necessário.

Sobre essa última atribuição, é perceptível a inflexão de abordagem de um importante espaço, como é o caso da revista científica *Critique of Anthropology*, na qual há uma discrepância evidente entre o perfil dos autores e dos textos dos primeiros volumes dessa revista – ainda na década de 70 – com a presença de artigos de ditos “antropólogos marxistas” como Godelier, Jonathan Friedman, Pierre Bonte, e Llobera, para a composição das edições atuais, nas quais podemos perceber uma presença massiva de outras perspectivas críticas, tendo sua maior referência nas formulações de David Graeber e Tim Ingold²⁰.

Esse breve “balanço” da presença da tradição marxista na Antropologia, desde as associações obscuras à obra de Morgan, até o fenecimento da antropologia marxista no fim do último século, está marcado ora por episódios louváveis, ora pela incapacidade, por vezes, de se apresentarem enquanto uma alternativa à Antropologia tradicional. A relação com Morgan, mesmo após a publicação dos *Cadernos Etnológicos* de Marx, ainda é controversa. Talvez o fato que melhor exemplifica essa relação seja o título de um livro de Luiz Guillermo Vasco Uribe, no qual o antropólogo colombiano investiga, sob uma perspectiva marxista, a obra do antropólogo estadunidense: *Lewis Morgan: confesiones de amor y odio*. Acreditamos que a compreensão de Morgan passa por um duplo aspecto: o primeiro por uma nova interpretação desse autor em relação a forma pelo qual ele foi investigado pela antropologia tradicional; o segundo, por uma perspectiva absolutamente crítica de Morgan por parte de uma abordagem marxista. Isso não significa uma espécie de “entendimento duplo” de Morgan, mas sim, uma compreensão que leve em conta as especificidades dos contextos em que esse autor é referenciado.

Sobre a relação da Antropologia com o colonialismo, foram exatamente os expoentes marxistas na Antropologia os responsáveis por destrinchar tal conexão. E nesse sentido podemos propor uma atitude bastante louvável por parte dessa tradição, afinal, a única tentativa do que podemos tratar enquanto uma “reparação histórica da Antropologia”, relacionando os seus aspectos originários com o modo pelo qual as pesquisas deveriam ser realizadas, foi desempenhada por aqueles teóricos ignorados e renegados pela vitrine do conhecimento antropológico – Kathleen Gough, Pierre Bonte, Jean Copans, Gerárd Leclerc, entre outros. O irônico é que antropologia, que se originou tanto ignorando quando reagindo ao marxismo, teve como sua única defesa no Século XX contra sua origem colonialista, exatamente a perspectiva marxista – embora a tradição “pós-colonial” se apresente contemporaneamente como a “inventora dessa roda”.

Foram também os marxistas aqueles que se preocuparam, desde as gerações da Antropologia soviética, com um compromisso para com a investigação desempenhada. Esse aspecto diz mais sobre o marxismo do que essencialmente sobre a própria Antro-

20 Não queremos correr o risco aqui de propor, nesse momento, uma crítica insuficiente a Graeber e Ingold. Na verdade, concordamos com muitas de suas formulações e acreditamos que dos autores críticos da Antropologia hoje, eles – principalmente Graeber – estão presentes dentre os que mais se mostraram resilientes a uma absorção da razão antropológica.

pologia: não há razão em existir uma influência marxista na Antropologia sem antes haver um compromisso social do antropólogo. Assim, Meillassoux (2001) nos conta que, no contexto do auge da chamada “antropologia marxista francesa”, era fundamental para os africanistas uma análise da realidade concreta e da crítica da economia capitalista. E isso se constituiu através da compreensão de como o colonialismo e o imperialismo funcionavam realmente. Sob um aspecto mais específico, tal empreitada passava também pela compreensão das características originais das sociedades africanas, assim como os mecanismos precisos de sua submissão ao imperialismo. Rivas (2009), já em outro contexto, demonstrou como as correntes marxistas manifestaram desacordos com os condicionamentos e as cumplicidades coloniais no surgimento da Antropologia nas metrópoles capitalistas, e, mais precisamente no caso mexicano, com as políticas e teorias indigenistas dominantes – isso, na medida em que uma reivindicação da tradição marxista não faria sentido se estivesse em desacordo com o compromisso social do antropólogo.

Por tudo isso, diante da interpretação que aqui defendemos, sugerimos meramente como apontamentos iniciais dos aspectos para uma crítica marxista à razão de ser desse campo de conhecimento: *a superação da Antropologia enquanto um campo de conhecimento autônomo que aparentemente se manifesta como um ente exterior ao mundo; a supressão da primazia etnográfica frente a um campo de conhecimento, a necessidade de compromisso social do antropólogo repercutindo nas intenções últimas de suas pesquisas; e a crítica necessária da histórica da Antropologia em relação a seu surgimento moderno aliado ao colonialismo enquanto prática política estatal.*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Começamos pelo resultado da produção antropológica com a finalidade de, a partir de uma “viagem de volta”, compreender as determinações presentes nesse campo de conhecimento. Passamos pela compreensão de que a etnografia se tornou não só um elemento central da monografia antropológica, como também da própria Antropologia em si a partir de uma inflexão desse campo de conhecimento no qual a sua especificidade deixou de ser o estudo das sociedades que precederam o modo de produção capitalista e passou a ser um estilo de pesquisa desempenhado tendo por fundamento uma técnica de pesquisa. Observamos também como a etnologia se desenvolveu de maneira contraditória a partir dos estudos comparativos críticos à denominada “escola evolucionista”, muito embora não exista uma homogeneidade entre o trio os autores que são historicamente tidos como pertencentes a essa tradição – Morgan, Tylor e Frazer. Passamos pela compreensão das vertentes da Antropologia bem como pela sua relação obscura com os demais campos de conhecimento através da sua própria necessidade em constituir-se como um campo de conhecimento autônomo. Para fins de identificação do que aqui cha-

mamos de “razão antropológica”, voltamos ao surgimento desse campo de conhecimento passando pelo modo como as primeiras pesquisas antropológicas estiveram associadas às vontades e ordens das administrações coloniais e como o próprio objeto da Antropologia inicialmente foi determinado não de maneira epistemológica do campo de conhecimento em si, mas sim, pela própria administração colonial.

Através dessa constatação, sugerimos que a abordagem marxista é adequada para o trabalho de efetuar essa crítica à razão antropológica. Essa conclusão foi obtida, inicialmente, devido à constatação de que a Antropologia se desenvolveu tanto ignorando intencionalmente como reagindo às formulações desenvolvidas ou associadas às perspectivas marxistas de pensamento; em seguida, através de uma retrospectiva da dita “antropologia marxista”, notamos como a crítica dessa tradição, embora tenha tido alguns de seus personagens como influentes na história do pensamento antropológico, ainda é insuficiente diante daquilo que se estabeleceu como Antropologia tradicional; e, por fim, sugerimos alguns pressupostos para uma crítica marxista à razão antropológica.

O conhecimento antropológico e o marxismo são filhos de um mesmo tempo histórico, contudo, nascem por interesses divergentes: a Antropologia surge como uma necessidade da ordem burguesa colonial, o marxismo como reação a essa ordem. Mesmo com os esforços já despendidos, dentre todas as ciências humanas e sociais aplicadas, a Antropologia é o campo de conhecimento que possui menor permeabilidade por parte da tradição marxista de pensamento. Disso, decorrem duas conclusões: por um lado, torna-se cada vez mais difícil estabelecer uma relação crítica entre Antropologia e marxismo; por outro, é cada vez mais necessário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Mauro W. B. “Marxismo e Antropologia”. In: TOLEDO, C. N. et. al. (orgs.). *Marxismo e Ciências Humanas*. Campinas: Editora Xamã/ CEMarx/Fapesp. 2003, p. 75-85.

ÁLVARES, Lucas Parreira. Críticas ao artigo “Marx na Floresta” de Jean Tible/Debate Margem à Esquerda. In: *Blog da Boitempo*. 04/12/2017. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2017/12/04/criticas-ao-artigo-marx-na-floresta-de-jean-tible-debate-margem-esquerda/>

ÁLVARES, Lucas Parreira. *Flechas e Martelos: Marx e Engels como leitores de Lewis Morgan*. Belo Horizonte: Dissertação de Mestrado, 2019, 232p.

ÁLVARES, Lucas Parreira. Lévi-Strauss diante de Marx. In: *Revista de Antropologia*. Universidade de São Paulo, 2020, s/p. no prelo.

ALYMOV, Sergei. Ethnography, Marxism and Soviet Ideology. In: CVETKOVSKI, Roland; HOF-

MEISTER, Alexis (Org.). *An Empire of Others: Creating Ethnographic Knowledge in Imperial Russia and the USSR*. Budapest/New York: Ceu Press, 2008, p.121-144.

ANDERSON, Kevin B. *Marx and the Margins: on nationalism, ethnicity and non-western societies*. Chicago: University of Chicago Press, 2010.

ENGELS, Friedrich. *Anti-Düring: a revolução da ciência segundo o senhor Eugen Dühring* (Tradução: Nélio Schneider). São Paulo: Boitempo Editorial, 2015, 380p.

ENGELS, Friedrich. *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*. (Tradução: Leandro Konder) São Paulo: Expressão Popular, 3Ed., 2012, 302p.

GAILEY, Christine Ward. Eleanor Leacock. In: *Women Anthropologist: a biographical dictionary*. New York: Greenwood Press, 1988.

GODELIER, Maurice. La antropología en todos los campos. In: *Nueva Antropología*, Ciudad de Mexico, v. 4, n. 1314, p.261-274, jun. 1980. Semestral.

GODELIER, Maurice, et. al. *Marxismo, Antropologia y Religion*. Ciudad de Mexico: Roca, 1974, 159p.

HARRIS, Marvin. *El desarrollo de la teoria antropologica: historia de las teorias de la cultura*. Ciudad de Mexico: Siglo Veintiuno, 1979. 690 p.

KIRCHHOFF, Paul. Etnología, Materialismo Histórico y Método Dialético. In: *Revista Antropologia y Marxismo*. México: Ediciones Taller Abierto, mayo de 1979, n. 1, pp. 11-38.

KIRCHHOFF, Paul. Mesoamérica. In: *Dimensión Antropológica*, Ano 7, Volume 19, mayo/agosto de 2000.

LEACOCK, Eleanor Burke. Introdução à Edição Estadunidense. In: ENGELS, Friedrich. *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*. São Paulo: Expressão Popular, 3Ed., 2012, p.227-302.

LEACOCK, Eleanor Burke. *Mitos da Dominação Masculina* (Tradução: Silvana Nascimento). Alagoas: Instituto Lukács, 20019, 416p.

LUKÁCS, G. *Existencialismo ou marxismo*. São Paulo: Senzala, 1967, 252p.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. Rio de Janeiro: Cosac & Naify, 2003. p. 183-314.

MARX, Karl. A correspondência entre Vera Ivanovna Zaslitch e Karl Marx. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Lutas de Classes na Rússia*. (Tradução: Nélio Schneider) São Paulo: Boitempo, 2013. p.57-116.

MARX, Karl. *Contribuição à Crítica da Economia Política*. (Tradução: Florestan Fernandes) São Paulo: Expressão Popular, 2008, 287p.

MARX, Karl. Glosas críticas ao artigo “O Rei da Prússia e a Reforma Social”. De um prussiano”. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Lutas de Classes na Alemanha*. (Tradução: Nélio Schneider) São Paulo: Boitempo 2010, p.25-52.

MARX, Karl. *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858; esboços da crítica da economia política*. (Tradução: Mário Duayer; Nélio Schneider) São Paulo: Boitempo, 2011a, 788p.

MARX, Karl. *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte*. (Tradução: Nélio Schneider) São Paulo: Boitempo, 2011b, 174p.

MARX, Karl. *The Ethnological Notebooks of Karl Marx* (Org. Lawrence Krader). Assen: Van Gorcum & Comp. N.V., 1972, 454p.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feurbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas*. (Tradução: Rubens Enderle, Nélio Schneider e Luciano Cavini Mortorano) São Paulo: Boitempo, 2007, 614p.

MEILLASSOUX, Claude. Antropologia, Marxismo y Compromisso. In: *Revista Herramienta*. Buenos Aires: v.6, n.17, 2001, p.113-124.

MEILLASSOUX, Claude. *Mulheres, Celeiros e Capitais*. Porto: Afrontamento, 1976, 271p.

MEYER, Alfred G. *Marxism: the unity of theory and practice*. Cambridge: Harvard University Press, 1954.

MORGAN, Lewis Henry. *A Sociedade Primitiva I* (Tradução: Maria Helena Barreiro Alves). Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 3Ed., 1980, 331p.

MORGAN, Lewis. *Prefácio à Liga dos Iroqueses* (Tradução: Lucas Parreira Álvares). São Raimundo Nonato: Boletim Mimeo, 2019 pp. 43-45.

MUSTO, Marcello. *O Velho Marx: uma biografia de seus últimos anos (1881-1883)*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2018, 158p.

PALERM, Ángel. *Antropologia y Marxismo*. Lomas de Santa Fe: Clássicos y Contemporáneos en Antropología, 2008, 346p.

ROULAND, Norbert. A antropologia jurídica de Marx e Engels. (Tradução: Lucas Parreira Álvares). In: *Revista de Ciências do Estado*, 2018, No Prelo.

TERRAY, Emmanuel. *O marxismo diante das sociedades primitivas: dois estudos*. Rio de Janeiro: Graal, 1979, 180p.

TOLSTOY, S. P. *Lenin i Aktual'nye Problemy Etnography* (Lênin e os problemas contemporâneos da etnografia). SE, 1949, no. 1, pp. 3-17.

TOLSTOY, Paul. *Lewis Morgan e o Pensamento Antropológico Soviético* (Tradução: Lucas Parreira Álvares). Disponível em: <<http://passapalavra.info/2017/11/117006>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

TURATTI, Maria Cecília Manzoli. *Antropologia, Economia e Marxismo: uma visão crítica*. São Paulo: Alameda, 2011, 230p.

PRÁXISCOMUNAL

Práxis Comunal
v2.n.1 JAN-DEZ. 2019
Periodicidade: Anual

seer.ufmg.br/index.php/praxiscomunal
praxiscomunal@fafich.ufmg.br

ÁLVARES, Lucas Parreira. Para uma crítica da razão antropológica [Parte II].

A Práxis Comunal é uma revista eletrônica da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Como citar este artigo:

ÁLVARES, Lucas Parreira. Para uma crítica da razão antropológica [Parte II]. In: **Práxis Comunal**. Belo Horizonte: Vol. 2, N. 1, 2019, pp. 202-221.